

**ANI
MA
LES
COS**

**GONÇALO
M.TAVARES**

COLEÇÃO GIRA

1. *Morreste-me*, de José Luís Peixoto
2. *Short movies*, de Gonçalo M. Tavares
3. *Animalescos*, de Gonçalo M. Tavares

Curadoria de Reginaldo Pujol Filho

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro,
dos Arquivos e das Bibliotecas / Portugal



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

6 vento Bora, queda elegante, cozinha, jantar, ódio
10 vento Bora, banquete, o pai, a mãe, o filho
14 aprender em cima da árvore, esquizofrenia,
o nómada, o martelo do médico
18 médico sem braços, operação, contar pelos dedos
20 a louca, as moedas, o mau-mau
23 cristo, uma casa
25 martelo, cabeça, motor, cavalo
29 madeira, neurose, depressões
31 fenda na estrada, o pensamento, primatas
33 raiva, manada, o helicóptero, carne-cristo,
os apóstolos, última ceia
38 pai, animal, bom-dia, o pior dos filhos, o melhor
dos porcos
41 espingarda, bala, o pai, plantas, animais, obrigar
a natureza a acelerar
44 a máquina, mortos e lixo, vacas, ensinar os novos
47 o dono do cão, a electricidade, o 2º Cristo, morrer
de fome
50 cidade, contágio, o ferreiro, o morto
53 um macaco, um funcionário, o zoológico
54 xcaret, maldade, diabo
56 floresta, louco, piano, atrasados mentais, malucos,
esquizofrénicos, maníacos, psicopatas, medicados
61 floresta negra, animal alto, jesus dos animais,
corredor de mil metros
65 um burro, o cristo dos animais, máquinas,
o peso num pé

- 68 avestruz, o pai, a mãe, os três meninos, Hospício
dos animais, o maluco, cabeça contra o solo,
toupeira, cangurus, malucos, olhos virados para
trás, mesmo os anões
- 74 cão, animais, urubus, bichos, o cristo, metal,
urubus
- 77 o cristo dos animais, as duas direcções
- 79 mortos, praça central, pombos, animais nojentos
- 81 ventos do mal, casal de cães, casal de cavalos,
de vacas, de girafas, de iguanas, os malucos
- 87 latrinas, martelo, bigorna
- 88 hospital, manada de lobos, animais cheios de
apetite, vinte urubus
- 92 cabeça alemã, cabeça inglesa, cabeça africana,
esquizofrenia curada, o mesmo animal
- 95 mulher, árvore, terra escura
- 96 um especialista moral, a cruz, perda de memória,
fugir, crescer
- 100 final de século, olhos, pés
- 102 cidade, floresta, cidade
- 104 dez mil pragas
- 105 carroça de cabeça para baixo, o TAHAKE,
elegância e energia, o Estado, sim e não
- 108 excitação animalesca
- 110 animal maluco, esquizofrenia, roer a perna das
mesas, parece de rato
- 112 pedir uma queda, réptil, desajeitado, ámen
- 114 metro, psicanalista, cavalo, martelo, olhos tortos
do velho
- 120 maluco autodidacta, o Mundo é feito de cruces
de cristo
- 123 sobre o autor
- 125 texto da orelha
- 127 créditos

**“quarta pessoa do singular; é ela que se
pode tentar fazer com que fale.”
Deleuze**

**vento Bora
queda elegante
cozinha
jantar
ódio**

um homem na rua a andar sem calças, tenta morder o próprio nariz, engole a palavra que acabou de dizer, depois vomita-a e aí não se percebe o que diz, engole de novo ar para poder falar; o discurso é preparado por esta deglutição imprevista, por este mastigar do ar, por esta forma de andar com a boca aberta, vem o vento Bora, o vento que faz as cabeças loucas, e o vento Bora entra na boca, roda dentro da boca, um redemoinho em terra seca; o homem não diz coisa com coisa, ninguém o entende, batem-lhe com o pau na cabeça, a cabeça abre, começa a sangrar, ele tem o vento Bora na cabeça, está louco mas manda parar o trânsito, interrompe a circulação, manda calar quem

fala, manda parar quem corre, manda correr quem está parado, manda matar quem está vivo — estou no meio da minha cabeça e mesmo assim começo a gritar, mesmo no centro e estás perdido, fui atirado da janela e dentro da cabeça nem tudo é claro, utilizo a inteligência para resolver palavras cruzadas, peço que me cortem o cabelo, o crânio nu serve para as palavras cruzadas: espaços vazios que as letras devem completar com um sentido, eis o tabuleiro perfeito: a minha cabeça, a tua cabeça, dois crânios sem um único pêlo servem de tabuleiro, estás de joelhos e pensam que estás a rezar mas estás a fazer de tabuleiro simpático, fazem-te festas, dão-te comida, agarras com a mão, levantas a comida do chão, levás à boca: perguntam-te como ficaste assim, falas no vento Bora, um dia fui a Trieste, dizes, e apanhei isto, um vírus e não sai, com o frio ficas louco, com o calor ficas manso, com a chuva comesas aos saltos, com neve fazes bonecos; tenho um acidente, caio, peço para me levatares, tento tirar do redemoinho a frase que quero dizer, não sei em que situação devo pedir desculpas ou insultar, os tempos estão baralhados, o que se passa lá fora não é entendido cá dentro, o cérebro une pontos, um ponto a outro como no jogo dos meninos até fazer uma figura que percebas; mas não consigo olhar para o que está em cima de mim, em qualquer posição da cabeça a própria cabeça não se vê, e talvez um espelho, peço ao senhor que tem pressa, está a fazer exercício, não quer ficar gordo, diz, eu não quero ficar louco, digo, tenho quarenta anos,

ofereço a minha razão em troca do descanso, sou de Direito, enumero as leis que já insultei, entro em casa, volto mais cedo, abro a porta do quarto, estão duas cabeças na cama onde só devia estar uma, penso nos animais mitológicos que nunca têm apenas uma cabeça porque uma cabeça é pouco, qualquer ser humano sabe disso, mudar de cabeça a cada sete anos, como se fosse pele, ir ao guichet tirar a cabeça, pô-la no balcão, pedir outra, recebê-la, avançar para mais sete anos, é necessário instalar o inimigo na tua melhor poltrona, aqui vai, na melhor parte do meu cérebro colocas o que te insulta, eis onde tens melhor vista para o que penso: quero cozinhar um louco como se faz aos animais, hoje temos um louco para comer, antropologia e apetite, somos da tribo que come loucos, eis onde me sinto em casa, por cada louco que comes ficas mais louco, o homem que come doze loucos: entro na cozinha e faço uma reunião de horror em redor do louco que caçámos, avanço, tenho pressa, tento acelerar para conseguir cair, como alguém que treina uma qualidade para ser forte noutra: aumentar a velocidade para conseguir cair, aumentar a lentidão para conseguir cair; trata-se de uma nova modalidade, uma luta em queda, dois guerreiros em queda a ver quem ganha, o tempo do combate é o tempo óbvio, aquele que demoras até chegar lá abaixo, o tempo de combate é o tempo da queda, mas os homens são atirados dois a dois, um homem e o seu pior inimigo e enquanto caem batem-se, tentam empurrar o outro, puxar o outro, derrubar o outro,

mas é estranho derrubar o outro quando o outro está em queda, quando se está já no ar, quando já não há apoios e nada de sólido; mas eis que os lutadores são lutadores até ao fim, não se rendem às circunstâncias: um murro no olho, um pontapé forte, orientam-se no espaço e na queda sempre dirigidos pelo ódio, eis o que melhor nos orienta, o que é melhor que bússola e solo estável, o bom ódio permite acertares em queda, e o combate está a terminar e termina, bem feito para os dois que bem merecem; alguém levanta o braço e diz que falta o árbitro e eis que quem estava a assistir é empurrado e tenta dizer Falta e Proibido, e é um paizinho em queda este árbitro que faz recomendações, sugestões, proíbe, penaliza, quer dar castigos: mas não há pior castigo que estar a cair, agradeço a maldade, mas nem tenho tempo para me defender, avanço na queda como alguém que julgasse que pode acelerar esse movimento, não te apresses, os rápidos os lentos, todos caem à mesma velocidade, eis o que me ensinaram, podes ser campeão de cem metros, podes não ter capacidade para mexer um pé, estás de cadeira de rodas e cais mais rápido do que o atleta, eis como são as coisas e como a queda substitui deus nos pormenores, eis que a queda nivela, meu querido, como estás pesado, só o peso interessa, o que tem peso cai mais rápido, o leve atrasa-se, cai mas tarde de mais: não sejas demasiado leve nem pesado, o peso justo, o tempo certo, a queda elegante, um segundo antes põe a língua de fora, diz adeus às pessoas que convidaste para jantar

**vento Bora
banquete
o pai
a mãe
o filho**

é o vento Bora, um vento potente e frio como o que é terrível, é o vento Bora que mexe os alimentos que estão dentro da panela, e por isso quem vier a este banquete ficará louco, pois este vento tem fama de funcionar como um sabre no meio da cabeça: corta bocados, separa elementos antigos, não precisas de talher grande: o vento vem e faz o que cem mil utensílios não conseguiriam: transforma comida racional em comida louca, o vento Bora, tem medo dele, quem vai a Trieste vem com o vento Bora na cabeça e nunca mais esquece, não podes esquecer o vento Bora, e enquanto fazes a comida para o banquete lembras-te da maldição e como tens vergonha não

mandas embora quem convidaste: ali estão os teus amigos, o teu pai, a mãezinha: sentas a mãe no tronho alto e dás-lhe a primeira peça que o vento Bora ajudou a fazer, primeiro a mãe, depois o pai, depois os amigos, vamos ficar loucos, sim, mas em conjunto, todos no mesmo barco, todos na mesma mesa a entrarem ao mesmo tempo no mesmo inferno, um pedaço para ti, outro para ti; os amigos aqui estão, os mais antigos, os mais duros, os mais sólidos, e este banquete é perfeito, estamos todos no mesmo banquete, meu caro, e a comida está estragada, sabe bem mas ninguém se levantará da mesma forma: quem fez isto, alguém pergunta depois de saborear o primeiro bocado, o vento Bora, respondo, então vamos ficar loucos, diz uma mulher a rir-se, sim, vamos ficar loucos, digo, estiveste em Trieste quando, perguntam-me, não respondo, estou a saborear a comida louca, da comida racional o vento Bora faz comida louca, não é condimento, é a forma como mistura os elementos e isso é o mais estranho, o vento nada acrescenta ao que já tens na panela, o vento Bora mexe como uma colher de madeira, não entra lá para dentro, não estamos no campo da magia negra, estamos na gastronomia, o pai já está a pôr-se de pé em cima da mesa, o banquete entra na segunda parte, o pai dança com alguém que já não reconheço, um dos amigos faz o pino contra a parede, o que se desaconselha depois da refeição, vai vomitar e op ali está, o banquete parte três, um já canta, o outro — o que faz o pino — acompanha a canção de cabeça

para baixo, e o estranho é que canta a mesma letra mas algo parece precisamente virado ao contrário, as mesmas palavras mas invertidas, ninguém pode fazer um coro com esta desorganização, o pai canta enquanto dança, outro canta enquanto pensa noutra assunto, o outro canta enquanto faz o pino contra a parede, está muitíssimo vermelho e vai dar uma congestão no cantor e não queremos isso, queremos canções saudáveis; já fazemos um comboio, o banquete entra na quarta parte, que bonito, todos em redor, o último põe as mãos no ombro do primeiro, é um comboio que morde a própria cauda, um comboio numa pista de crianças, numa pista que dá a volta, uma roda. Se tiveres um comboio muito comprido a certa altura ele preenche a linha por completo, e já não anda, eis o banquete parte cinco, ninguém avança porque uns andam para a frente outros para trás, que quem canta organize isto, levanto o braço, peço para falar e não falo, eles esperam um pouco mas depois desistem, não vieram para o banquete para usarem os ouvidos, há quem vomite, é o pai, nunca o vi assim, aproximo-me dele, ajudo-o, que queres?, pergunto; ele pede uma faca de cozinha, eu não a trago, ponho-me a cantar uma canção de *niños*, ele quer matar-me mas eu distraio-o, nunca vi o grande pai vomitar, e depois não se sai à rua da mesma maneira, ponham música grita alguém, um deles trouxe um gira-discos velho, põe um tango, isso, há vários pares e há um trio que tenta dançar como se fosse um par, riem-se como loucos, belo banquete, parte seis,

estou a ficar cansado, o vento Bora faz isto: a mesa no chão já derrubada, cadeiras no chão, alimentos já muito pisados, os sapatos com misturas porcas, o vento Bora já está a pegar-se aos sapatos, a partir daqui não há fuga, ninguém sai da sala, todos se deixam estar, uns vão adormecendo outros ainda cantam, o maluco do pino faz um novo pino e insiste em acompanhar a canção daquele ponto, estamos a ficar sozinhos: eu e o vento Bora, fecho as luzes, só uma vozinha ainda está a pé e canta muito baixinho para não acordar os amigos do banquete, saio da sala, vou ao espelho, levanto o sobrolho, o outro, os olhos estão mais vermelhos que a cara do amigo que está a fazer pino contra a parede mas tudo adormece, o banquete, parte oito ou sete ou nove, já perdi a conta, avanço para a minha cama mas não há cama, avanço para a cadeira onde por vezes adormeço à tarde mas já não há cadeira, vou para a porta, rodo a fechadura, levo a chave, fecho a porta, fecho-os lá dentro, os meus pais com os maus amigos, maus mesmo, avanço para o meio da estrada, mando parar os carros, pergunto se querem ir comer a minha casa, eles não me conhecem, recusam, regresso a casa, chave na fechadura, porta de entrada e avanço em bicos de pés: todos dormem, na sala, o meu pai é lindo, a mãe linda, os amigos estão um bocado mais porcos, dirijo-me agora à cama e encontro-a, deito-me e tento adormecer com os olhos abertos, quando penso que estou a conseguir percebo que falho.

**aprender em cima da árvore
esquizofrenia
o nómada
o martelo do médico**

num habitat de cem quilómetros o animal dá voltas à sua cabeça como quem está a ser perseguido e encontra e apanha quem o persegue e por medo arranca a própria cabeça pois é nela que está o inimigo que a psicanálise conseguiu colocar lá dentro, pelos ouvidos ensinam um ofício mas ele esquece tudo e começa a cantar quando lhe pedem que das suas mãos saia algum objecto útil, trata-se simplesmente de fazer objectos esquizofrénicos que destruam o que fazem no mesmo instante como se fossem um corredor muito rápido e humano a aplicar a sua velocidade a rodear uma circunferência minúscula, não interessa seres tão rápido se saís da linha que se

traçou no chão e sair da linha é cair, como as crianças sabem, se marcas um traço no chão o que está fora do traço é abismo e queda, e se caís estás morto e só entras no jogo a seguir, e para quem está vivo apenas uma vez o jogo a seguir não existe, e felizmente és rápido e equilibrista, parece que te põem em cima de uma corda, estás no circo e o teu território não tem sequer a dimensão de dois sapatos, tens de habitar acima do solo, o que não é possível pois deixaste de ser chimpanzé há alguns anos, levantas os pés do chão, deixas os sapatos lá em baixo para enganar os inimigos, aprendes a estudar em cima das árvores, tornas-te inteligente em cima das árvores como os teus antepassados e claro estás contente, o que te importa é aperfeiçoares o grito, treinares para essa forma suicida de discurso, não grites porque o inimigo é o que mais rápido ajuda quem grita, avanço como um macaco e cada vez percebo melhor que é em cima da árvore que tens de aprender, fazer a primeira classe em cima da árvore, a segunda classe em cima da árvore, a terceira classe, estuda para louco, estuda para animal, como é difícil estudares para animal depois de tantos anos a aprender o inverso, op op e aqui vou, desço do meu território, olho para os dois lados, comparo os animais comigo, levo um espelho, vou assustando as pessoas da cidade com um único espelho, avanço como um maluco com os pés descalços em pleno centro da cidade, as pessoas a andarem de um lado para o outro e o que lhes mostro é um espelho rectangular do tamanho de uma toalha das

mãos, um espelho perfeito que vou virando para cada pessoa que se cruza comigo e eles estão com medo e fingem que é de mim mas é da imagem, e quem olha directamente para o espelho acelera o passo como se o espelho os atrasasse, dizem-me qual é o caminho, subo as escadas e o médico manda-me sentar, pergunta-me a idade e a que espécie animal pertença, répteis, mamíferos, depois os macacos estão muito próximos, se sou casado, se já tive acidentes, o que como o que fodo onde durmo quantas horas, de que forma os peritos foram importantes para a história dos entediados, nómadas, sedentários, pegam num nómada, prendem-no à cadeira com cordas, choque eléctrico, impedem-no de se pôr a correr dali, desatam os nós, dizem estás livre e o animal já tem as pernas e o caminho, e tudo está disponível excepto a vontade, que é o principal, e a electricidade bem dirigida já a sacou — à vontade — para fora como se fosse um órgão, atiras a excitação do louco para a mesa, ele estrebucha como um peixe, das pancadas com o martelo, ele acaba de vez com a tua excitação, a forma médica de fazer sedentários, digo que sim, digo que estou às suas ordens, bato com os calcanhares um no outro, digo *Heil Hitler*, gozo com a situação, sinto que domino quem me esmaga, levanto-me, estou na vertical, fico tonto, peço uma cadeira, quase desmaio, tento de novo, outra vez na vertical, quero avançar, dou um passo, nómada por um passo, nómada por dois passos e op caio de novo, o médico segura-me, levanta-me, dá-me beijos na testa, no

cabelo como se fosse seu filho, trata-me como um animal e filho e op op um passo, dois aqui vou eu de novo sozinho, livre dos papás, um pé, outro, op op, caio outra vez, sedentário na forma como caio, preguiçoso na forma como caio, tirámos-te a excitação, deixaste de ser nómada, op, rendo-me à medicina; vão conseguir ao fim de dois anos que me mantenha em pé sozinho, um regresso à infância mas pela porta grande, pela destruição do organismo, voltar atrás mas com mais peso, com mais corpo com mais ideias, estudar muito para conseguir ficar sobre os dois pés como fizeram os nossos antepassados macacos, op op, sobre os dois pés aqui estou a jurar com a mão em cima da bíblia, juro pelo Senhor que jamais repetirei os erros dos animais, endireito as costas, ofereço-me para guiar a carroça ambulante, fico sentado e são os cavalos nómadas que se esforçam, fico sentado e vou mudando de sítio, eis o que é estudar, conduz a carroça, paro em cada povoação, mando os que estão lá atrás destruírem tudo o que mexe, eu fico sentado porque sou o chefe do bando, não me canso, tiraram-me a autonomia para estar de pé no meio do chão — estou por isso na cadeira, mas grito